

Segredos e mistérios da capital dos mineiros

BH 125 ANOS

Subterrâneos de construções do século passado, uma via histórica, nascentes cristalinas. No aniversário da capital, o EM percorre marcos e recantos pouco conhecidos da maioria

Viagem à 'cidade oculta'

GUSTAVO WERNICK

A cidade tem segredos, mistérios, seus guardados, alguns bem pertos dos olhos, embora desconhecidos da maioria da população, outros nos subterrâneos de construções do século passado. E se ainda brotam nascentes cristalinas à flor da terra, visíveis a olho nu, é possível encontrar túneis, verdadeiras obras de arte, por onde passa uma parte da história do Brasil. Ver para crer. Belo Horizonte, que comemora hoje 125 anos - a inauguração foi em 12 de dezembro de 1897 - é um livro aberto para ser pesqui-

do e, principalmente, conhecido a fundo, pelos moradores e visitantes. A cidade é feita de monumentos e construída a cada dia, pelas mãos de homens e mulheres, jovens e adultos, belo-horizontinos de nascença e de coração que escolheram esta terra para viver. Portanto, no aniversário da capital ou em qualquer época, nada mais oportuno do que passear e conhecer o melhor da capital: seu povo, sua história, sua paisagem aos pés da Serra do Curral e valorizada pelos conjuntos arquitetônicos.



Parte de projeto ferroviário frustrado, o túnel de Capitão Eduardo terminou aberto ao tráfego de veículos



Aos 80 anos, Heraldito Moreira relembra a construção da via, a mais antiga de BH nesse formato

erto de completar 80 anos, o aposentado Heraldo de Moraes Moreira conhece grande parte da história de Belo Horizonte. E não só de abrir livros, ver recortes de jornais ou visitar museus, pois a aprendizagem foi além: passou também pela escola da vida. Com memória prodigiosa e boa disposição para se locomover - apenas impedido, nesses dias, por um machucado na perna, em decorrência de um bloco de concreto que caiu na canela -, ele assistiu ao crescimento vertiginoso e às profundas transformações da capital, que, hoje (12/12), comemora 125 anos.

“Andei de bonde, acompanhei as mudanças da cidade entre eba e chegada de prédios a lugares de mata virgem, o desaparecimento de fazendas e a construção do túnel de Capitão Eduardo”, afirma o mineiro nascido no município vizinho de Sabará e residente no Bairro Bela-Flor, na Região Nordeste da capital. A construção do túnel, da década de 1950, é a senha para a equipe do Estado de Minas IR ao encontro de marcos, monumentos,

acervos, equipamentos e outros locais que a maioria dos belo-horizontinos possivelmente nunca viu.

Na lista “BH que BH não conhece”, há abrigo anti-aéreo em plena Região Centro-Sul, memorial no porão, que remete a um ambiente da Idade Média, da Basílica Nossa Senhora de Lourdes, onde fica também um columbário espaço para se guardarem cinzas fúnebres, e as nascentes do poluído Ribeirão Arrudas, no Bairro Petrópolis, no Barreiro.

PEDRA SOBRE PEDRA São muitas as histórias guardadas na memória e no coração de Heraldo de Moraes Moreira, que, logo de cara, brinca que não tem qualquer parentesco com o cantor e compositor baiano Moraes Moreira (1947-2020). “Nasci em 22 de janeiro de 1943, na localidade chamada Borges, perto de onde moro, na divisa com Belo Horizonte”, conta o homem, que começou a trabalhar, ainda adolescente, numa das empreiteiras encarregadas da construção do túnel ferroviário, que pode ser visto na Rua Padre Argemiro Moreira. Na boca da estrutura, liberada ao tráfego de veículos, está a sigla MT - DNEF, de

Ministério dos Transportes - Departamento Nacional de Estrada de Ferro, extinto em 1974.

“Quase todo mundo que morava nesta região trabalhava na construção do túnel, que chamávamos de ‘Trecho’. Eu sempre fui do almoxnarife, e, na época, era empregado da Brasil Construtora. Havia também operando aqui a Indústria e Concreto Armado (ICA)”, diz Heraldo, interrompido, ao final da frase, por um estrondo no telhado da varanda, nos fundos da casa. Mas não era nada demais: apenas uma manga madura se desprendera de um galho.

O movimento era inteno nos telhados da construção do túnel, resalta Heraldo. E exigia muita força bruta, por parte dos operários. Depois das explosões com dinamite, vinha o serviço manual. “Os trabalhadores usavam martelo diretamente na rocha, outros quebravam com a marreta”, recorda-se fazendo um movimento no ar, com as mãos, da ferramenta imaginária.

“Sem dúvida, é o túnel mais antigo de Belo Horizonte. Nessa época, não havia nada da Lagoinha”, diz Heraldo, em referên-

cia ao complexo viário implantado na paisagem urbana nas décadas de 1970 e 1980. Curiosamente, o projeto da via ferroviária não se consumiu. “Colocaram os trilhos, fizeram testes, construíram outros túneis em Santa Luzia, mas a ferrovia não vingou. Muito tempo depois, o nosso túnel foi aberto ao trânsito de veículos.”

O túnel de Capitão Eduardo fazia parte da linha ferroviária projetada para ligar Belo Horizonte a Itabira, um trajeto de 100 quilômetros, com obras iniciadas em 1948 no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra (de 1946 a 1951). Quando as obras foram paralisadas, cerca de 5 mil a 6 mil pessoas ficaram ao desamparo e a população à espera do trem que nunca apitou. De Itabira, a ferrovia cortaria a Serra do Espinhaço até chegar a Pexicanha, na Região do Rio Doce, a 300 quilômetros da capital. Com a morte do presidente Getúlio Vargas, em agosto de 1954, o projeto entrou em colapso, sendo sepultado definitivamente no governo de Juscelino Kubitschek (de 1956 a 1961), quando as rodovias ganharam destaque em detrimento do transporte ferroviário.

FOLHA DE TAIÓBA Para quem gosta de descobrir a cidade, conhecer mais da história local ou simplesmente “se aventurar por aí”, o túnel de Capitão Eduardo surpreende. Sem revestimento de concreto, a não ser nas duas entradas, as paredes internas estão na rocha bruta, como se tivessem sido artisticamente modeladas. “Meu pai trabalhou ali durante muitos anos. Veio de longe para o ‘Trecho’”, conta uma mulher que, correndo para pegar o ônibus, pouco tempo tem para conversa.

Nas palavras de Heraldo, o passado vai ganhando uma forma tão viva que se torna, agora, um cenário. “Belo Horizonte tinha muitas nascentes... tantas e tão limpas, que a gente bebia na folha de inhame ou de taioba. Aqui tudo era mata, à beira do Rio das Velhas.” Da região cortada pela rodovia BR-381, o almoxnarife aposentado tem mais recordações. Com um sorriso, faz uma pergunta à equipe do EM: “Sabem como se chamava essa estrada?” A resposta: “BR-262”, ele retruca. “Não! Bem antes, o nome era BR-31.” Na numeração prevaleceu até 1964.

Abrigo anti-aéreo no Centro-Sul

As cenas da guerra na Europa, iniciada em fevereiro deste ano, mostram a invasão das tropas russas na Ucrânia, com a resistência na capital Kiev e em outras cidades, bem como o êxodo de milhões de pessoas, e muita gente, notadamente famílias inteiras, buscando proteção nos abrigos anti-aéreos. Nesses “bunkers” (palavra alemã para ambiente parcial ou totalmente subterrâneo, fortificado e construído para resistir aos projéteis de guerra), é possível se proteger dos bombardeios.

Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estações de metrô em Londres, na Inglaterra, foram usadas, pelos civis, como proteção contra as bombas lançadas pelos aviões nazistas. Mas o que Belo Horizonte tem a ver com isso? Na capital mineira, alguns prédios, na década de 1940, foram erguidos com esse compartimento no subsolo. O mesmo ocorreu no Rio de Janeiro (RJ) com os edifícios na Avenida Atlântica, em Copacabana, os quais, depois, viraram garagens.

Localizado na Avenida Bias Fortes, perto da Praça Raul Soares, na Região Centro-Sul, o Edifício Indaiaí data de 1947. Logo na entrada, há um retrato em preto e branco no qual o prédio se sobressai na capital ainda dominada pelas casas. O contraste entre dois tempos inspira ainda mais a curiosidade dos repórteres, quando descem as escadas rumo ao compartimento de proteção.

Pintado de branco, hoje com piso de porcelanato, o abrigo anti-aéreo do Indaiaí



O porteiro Milton dos Santos no bunker construído em 1947: “Parece uma fortaleza”

tem grossas colunas de concreto. “Parece uma fortaleza”, compara o porteiro Milton Carmo dos Santos, que trabalha no prédio de 11 andares há 18 anos. “Sempre tem alguém interessado em conhecer”, acrescenta antes de mostrar duas argolas chumbadas na parede, na entrada de uma escada estreita, para que fosse colocada uma barra de ferro a fim de garantir maior proteção aos abrigados.

Impossível não imaginar os tempos da Segunda Guerra Mundial ou pensar, com um certo delírio, se realmente seria possível Adolf Hitler (1889-1945), o “Führer” da Alemanha Nazista, mandar bombardear uma capital brasileira. Nunca é demais lembrar que, em 1942, navios comerciais nacionais foram torpedeados e afundados, na costa brasileira, por um submarino germânico, provocando até manifestação de belo-horizontinos na Praça da Liberdade, na Região Centro-Sul de BH.

Outro edifício que também dispõe de abrigo anti-aéreo é o Acaíaca, na Avenida Afonso Pena, edificação cuja marca registrada está nos índios ou efígies indígenas que caracterizam a fachada de 30 andares - um de olho na Rua Espírito Santo, outro, na Rua dos Tamoios. Recentemente restaurado, o Acaíaca é tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte.

Uma curiosidade é que o “bunker” fi-



Edifício Indaiaí, na Avenida Bias Fortes, que mantém o abrigo anti-aéreo

ca exatamente sob o antigo cinema, palco de grandes filmes, inclusive “de guerra”, estrías e encontro de gerações e gerações de belo-horizontinos. Uma pesquisa sobre esse monumento de BH, pintado na cor areia, mostra que ele foi inaugurado em 1943, portanto no auge do conflito entre nazistas e os aliados. Sem dúvida, essa história daria um grande filme, pois já resultou no livro “Edifício Acaíaca: O colosso humano e concreto”, de Antonio Rocha Miranda.

Porão da Basílica Nossa Senhora de Lourdes guarda presépio, relíquias, imagens e o único columbário da capital, destinado aos restos mortais de católicos cremados

Espaço sagrado para cinzas

GUSTAVO WERNICK

Também os espaços sagrados da capital, que celebra hoje (12/12) seus 125 anos de inauguração, reservam muitas histórias. Na Basílica Nossa Senhora de Lourdes (Rua da Bahia, 1.596, no Bairro de Lourdes, na Região Centro-Sul), moradores e turistas podem conhecer um memorial, no porão do templo neogótico, distribuído em cinco singelos ambientes. Fazem parte do acervo um presépio, relíquias, imagens das várias denominações de Nossa Senhora, galeria com retratos dos ex-párocos e reitores, reprodução de fachadas de igrejas barrocas mineiras, entre outros objetos de fé.

Descendo dois lances de escada estreita, o pároco e reitor da Basílica de Lourdes, padre Ozanilton Batista de Abreu, entra no ambiente que relembra, guardadas as devidas proporções, salas de mosteiros medievais, especialmente pelos tijolos aparentes no teto e iluminação valorizando a arquitetura. "Estamos no porão da basílica", explica o religioso, dirigindo-se, em primeiro lugar, ao presépio montado permanentemente.

Na sequência, padre Ozanilton mostra em dois quadros os projetos originais da basílica, que vem se preparando para festejar em 19 de março de 2023 o centenário de criação da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Sete anos antes, o primeiro bispo de BH, dom Antônio dos Santos Cabral (1884-1967), abençoou a pedra fundamental da igreja preferida das noivas para a cerimônia de casamento.

Na última sala do memorial, o visitante poderá admirar ostensórios ou custódias, peça usada nas missas para exposição solene da hóstia consagrada. "Vejam esta! Tem a forma da nossa basílica", destaca o padre ao erguer o objeto sacro, centenário, com a forma neogótica do templo. Para quem quiser visitar, o memorial fica aberto de segunda a sexta-feira, no horário comercial.

COLUMBÁRIO Para as comemorações do centenário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, o memorial será transferido para um espaço mais amplo da basílica, dando lugar ao columbário. Palavra ainda pouco familiar à maioria das pessoas, columbário é o local onde são guardadas as cinzas de pessoas cremadas após o falecimento. A cremação é permitida pela Igreja Católica desde 1963.

Em Belo Horizonte, existe apenas o columbário da Basílica de Lourdes, conta o padre Ozanilton abrindo a porta do cômodo onde, em potes e caixas, com nomes e retratos, encontram-se os restos mortais. "O papa Francisco pediu que as pessoas não lançassem as cinzas na terra, no ar ou no mar, ou mesmo ficassem com elas em casa", explica.

Em 2016, o Vaticano divulgou regras para a cremação dos defuntos católicos. Entre elas, a orientação de que as cinzas devem ser mantidas em lugar sacro, e jamais guardadas no ambiente doméstico, para que não se tornem "lembranças comemorativas".

HISTÓRIA Uma viagem no tempo serve para contar a história da igreja Nossa Senhora de Lourdes, declarada basílica pelo papa Pio XII, em 16 de maio de 1958. Mas as origens estão no final do século 19 – no terreno onde hoje está o templo neogótico, havia uma capelinha na qual se venerava Nossa Senhora de Lourdes. Para alegria dos católicos, em 24 de junho de 1900 chegava de Paris uma imagem da santa – a mesma que está na gruta construída com pedras de minério e que recria um ambiente no qual, em 1858, por 18 vezes, a Virgem Maria teria aparecido para a jovem Bernadete Soubirous, na França.

De acordo com o livro "Basílica de Lourdes" (editado pela paróquia), em 12 de julho de 1911 o arcebispo de Mariana, dom Silvério Gomes Pimenta, concedeu aos missionários claretianos o uso perpétuo da capela. Até então, a capital mineira estava vinculada à Diocese de Mariana. No mês seguinte, chegavam à cidade os primeiros missionários, entre eles o padre Sebastião Pujol, que seria nomeado, em 1923, o primeiro vigário da paróquia. Com o firme propósito de construir uma igreja, o grupo trabalhou duro até que a pedra fundamental fosse abençoada em 3 de maio de 1916.

Vale adiantar que, na noite de Natal, a Basílica Nossa Senhora de Lourdes vai comemorar 100 anos da primeira missa ali celebrada.



Padre Ozanilton mostra peças usadas na missa solene, que fazem parte do acervo da igreja, na parede (D), um quadro com o projeto original do templo

DEPOIMENTO DO REPÓRTER

BH redescoberta

"Cresci ouvindo histórias sobre o túnel de Capitão Eduardo e o trecho de serviços Meu pai, Helton, veio do Rio de Janeiro, no início da década de 1940, exatamente para trabalhar nessa obra, pois era topógrafo, desenhista de projetos e funcionário do extinto Departamento Nacional de Estradas de Ferro (DNEF), do Ministério dos Transportes. Lá em casa, tinha até um quadro com todos os pontos do ramal ferroviário de BH a Peçanha. Confesso que só havia passado nesse túnel uma vez, e, surpreso, retornei ao Bairro Capitão Eduardo no início da semana. Impressionante como a gente ainda conhece pouco da cidade onde vive. Muitos não sabem, mas nossa capital tem prédios, da década de 1940, com abrigos antiaéreos. E quem imagina um presépio subterrâneo na Basílica Nossa Senhora de Lourdes, dentro de um memorial? Novidade também é um columbário, o único da cidade. Neste aniversário de Belo Horizonte, descobrir pode ser um verbo importante, assim como redescobrir". (GW)

Cinzas de fiéis são abrigadas no columbário, como recomenda o papa Francisco, em caixas e potes com nomes e retratos



MEMÓRIA

"Coração em estado líquido"

Quem vê cara não vê coração. O ditado cai como uma luva quando se está diante das nascentes do Ribeirão Arrudas, na Serra do Curral, e depois se acompanha sua transformação na área urbana até o encontro com o Rio das Velhas, no Bairro General Carneiro, em Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O "coração em estado líquido" brota da terra no Bairro Petrópolis, em área da Serra do Curral, na Região do Barreiro.

Incrustadas numa Área de Preservação Permanente (APP), as nascentes ganham uma expressão ainda maior neste 12 de dezembro de 2022, aniversário da capital mineira. Elas significam uma memória da natureza líquida que foi fundamental para o surgimento de Belo Horizonte, diz o coordenador do Projeto Manutenção, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Marcus Póligiano.

Impossível falar das nascentes do Ribeirão Arrudas sem mencionar dona Ivana Eva Novais de Sousa, falecida há cinco anos, e reverências sua memória. Nos sucessivos encontros com a equipe do Estado de Minas, a então diretora da Creche Frei



Dona Ivana Eva dedicou a vida à defesa da nascente do Ribeirão Arrudas: memória a ser reverenciada

Toninho e integrante do Comitê da Bacia do Rio das Velhas mostrava o mesmo amor à criança e ao berçário do afluente do Velhas e do Rio São Francisco. Sempre preocupada com o meio ambiente, ela ficava atenta a qualquer agressão às nascentes, das quais sempre colhia um pouco de água para atestar a pureza.

"Não podemos permitir que o Arrudas, que já sofre tanta poluição por onde passa, seja enterrado vivo no seu nascedouro", disse numa entrevista em 22 de março de 2002, no Dia Mundial da Água. Sabias palavras que, duas décadas depois, mantêm a força e servem como exemplo para todas as bacias hidrográficas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 8 + 9